

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

Sobre a tradução de enérgeia e entelékheia em Física III, 1-3

Luís Felipe Bellintani Ribeiro
Universidade Federal Fluminense¹

RESUMO: Em se tratando da questão do movimento em Aristóteles, o par conceitual “potência e ato” não é apenas importante, ele praticamente esgota a própria definição de movimento, que, nos três primeiros capítulos do livro III da *Física*, passagem que se pode apelidar de "Tratado do Movimento", é definido como "o ato do ente em potência enquanto tal" (*hē toû dynámei óntos entelékheia, hê(i) toioûton*). Nessa definição a palavra grega traduzida por "ato" é *entelékheia*, mas ao longo das 161 linhas do "Tratado do Movimento" Aristóteles emprega 19 vezes o termo *entelékheia* e 21 vezes o termo *enérgeia*, sem fazer uma distinção clara – como de resto alhures também não faz – levando alguns tradutores à resignação diante de uma quase sinonímia e à tradução quase automática de ambos os termos gregos por um único termo do vernáculo, como "ato", “atualidade”, “efetividade”. Como traduzi-los afinal?

PALAVRAS-CHAVE: Aristóteles; movimento; potência; ato; tradução.

ABSTRACT: Regarding the issue of the motion on Aristotle, the conceptual pair « potency and act » is not only important, it practically exhausts the definition of motion, that, in the three initial chapters of book III of *Physics*, passage that we can call "Treaty of the Motion", is defined as "the act of the being in potency as such" (*hē toû dynámei óntos entelékheia, hê(i) toioûton*). In this definition the Greek word translated by "act" is *entelékheia*, but along the 161 lines of the "Treaty of the Motion" Aristotle employs 19 times the term *entelékheia* and 21 times the term *enérgeia*, without making a clear distinction – like, by the way, also he doesn't make elsewhere – leading some translators to resignation in the face of an almost synonymy and to almost automatic translation of both Greek words by a single vernacular's word, like “act”, “actuality”. How do we translate them anyway?

KEYWORDS: Aristotle; motion; potency; act; translation.

É comum que o tradutor dos gregos antigos encontre para cada termo grego mais de um termo em português. No caso de Aristóteles, esse efeito multiplicador se intensifica, porque ele próprio comumente tematizava a polissemia das palavras com seu *polakhôs légesthai*, na intratradução monoglota do dicionarista de vernáculo, na busca de sinônimos e no rechaço dos homônimos.

¹ Artigo realizado com apoio de Capes/Cofecub, no âmbito do acordo de cooperação Capes/Cofecub 841/15 “PRÁTICAS E TEORIAS DA POÉTICA NA GRÉCIA ANTIGA: DE PARMÊNIDES A ARISTÓTELES”.

Bellintani, Luís Felipe
*Sobre a tradução de *enérgeia* e *entelékheia* em Física III, 1-3*

O caso mais exemplar dessa necessidade de multiplicação é o do substantivo *lógos*. Em nossa tradução da *Física* já chegamos até o momento em 13 traduções diferentes².

Há, porém, outro caso exemplar em sentido inverso. Exemplo da exceção. É o caso de duas palavras gregas receberem a mesma única tradução em português: *enérgeia* e *entelékheia* são traduzidas inadvertidamente por “ato” (ou “actualidad” [Guillermo R. de Echandía]; “actuality” [Hugh Tredennick]; “efetividade” [Lucas Angioni]) – os próprios contextos, em que as palavras poderiam se distinguir, mais confundem que distinguem – mas fica sempre a questão de saber que diferença visava Aristóteles a ponto de usar duas palavras. Ou seria como o caso – questão bem aristotélica – em que o *lógos* do *tò tí ên eînai* é um e o mesmo como “roupa” e “veste”? Ao invés de duas coisas com o mesmo nome, que é a homonímia, seriam dois nomes para a mesma coisa, aquilo que hoje chamaríamos de sinonímia (e não Aristóteles, que chamava de sinônimos os cognatos)? No livro delta (V) da *Metafísica*, Aristóteles consagra um capítulo para “potência” (*dýnamis*) (capítulo 12), mas nenhum para *enérgeia*, tampouco para *entelékheia*, e nós ficamos sem saber.

Uma primeira tendência do tradutor é buscar nos étimos o critério de diferenciação. Assim *enérgeia* ligar-se-ia a *érgon* e seus cognatos, e *entelékheia* a *télos*. “Obra” parece remeter ao meio do processo, e “fim”, ao seu acabamento. Nesse sentido, Pierre Pellegrin (2009), declara tranquilamente no verbete “acte”, vocábulo pelo qual verte indistintamente “energeia” e “entelecheia” de seu vocabulário aristotélico:

La notion d’acte est inséparable de celle de puissance. L’acte est envisagé de deux points de vue différents. L’acte est d’abord une activité d’actualisation de quelque chose – substance ou propriété – qui passe d’un état potentiel à un état actuel. Aristote parle alors d’*energeia*. Quand l’état de pleine actualité est atteint, il parle d’*entelecheia*, souvent rendu par le décalque français « entéléchie ».

Mas, como se disse, um exame dos contextos mostra que a situação não é tão tranquila assim. De todo modo, uma saída cômoda para o tradutor é, sem precisar dar adesão à tese de Pellegrin, fazer o que ele sugere: traduzir sempre *enérgeia* por um

² 1. conceito (p.ex. 202b22), 2. razão, 3. raciocínio (p.ex. 214b9, 20, 23), 4. enunciado (p.ex. 185b8), 5. definição (p.ex. 185b2, 19, 209a22, 210a20), 6. proporção (p.ex. 206b8, 207b32, 215b6), 7. argumento (p.ex. 185a1, 208a5, 214b4), 8. explicação (p.ex. 209a24), 9. conclusão lógica (p.ex. 185b24), 10. discurso (p.ex. 219b20), 11. dizer (p.ex. 185a6 *lógou héneka, legoménon*, “ditas por dizer”), 12. dito (p.ex. 185b20, 21 *lógou légein*, “dizer o dito”) 13. debate (p.ex. 185b12).

Bellintani, Luís Felipe
Sobre a tradução de enérgeia e entelékheia em Física III, 1-3

único termo, e traduzir *entelékheia* por seu decalque na respectiva língua. É o que faz A. Stevens em sua tradução da *Física*, que em francês traduz *enérgeia* por “acte” e *entelékheia* por “entéléchie”. Assim também V. G. Yebra em sua tradução castelhana da *Metafísica*: “acto” e “enteléquia”. O único problema é que decalcar um neologismo não é traduzir. Mas talvez a filosofia possa prescindir dessa questão de teoria da tradução.

Sobre a tradução da *Metafísica*, aliás, vale destacar o seguinte parecer de Giovanni Reale (2002, p. 464), diametralmente oposto ao de Pellegrin:

Na verdade Aristóteles, com exceção de duas passagens de *Theta*, usa indiferentemente *enérgeia* e *entelécheia*, como sinônimos, sem nenhuma distinção. (...) Em suma, é vão pretender encontrar alguma estável distinção, na *Metafísica*, de significados entre *enérgeia* e *entelécheia*.

Com efeito, o livro theta (IX) da *Metafísica*, que logo no capítulo 1 (1045b 32-34) começa com o tradicional enunciado dos dois principais sentidos segundo os quais o ente (*ón*) é dito (de um total de quatro, ver delta 6): ser segundo as figuras da predicação e ser segundo potência e ato, apresenta para esse último item uma lista tríplice disposta de modo binário: “[...] o ente se diz, por um lado, **1** do que é um quê ou qual ou quanto, por outro lado, **2** o que é segundo potência e ato e segundo à obra [...]” ([...] *légetai tò òn tò mèn tì è poiòn è posón, tò dè katà dýnamin kai entelékheian kai katà tò érgon* [...]). De um lado, temos “o que é segundo potência e ato”, e aí o termo para “ato” é *entelékheia*, de outro lado, “o que é segundo à obra”, tratando-se da expressão seca: *katà tò érgon*, espécie de versão originária da *enérgeia* ainda não gramaticalmente sublimada em substantivo abstrato. Mas não fica claro se com isso Aristóteles estabelece uma tríplice distinção ou se o que interessa é apenas a oposição binária entre a potência e as diferentes maneiras de expressar o efetivo.

De todo modo, as passagens às quais Reale se refere provavelmente são outras. Em *Metafísica* IX (theta) 8, 1049a 21-23 temos um trecho metadiscursivo bem revelador, em que a sintaxe sugere alguma distinção entre os termos pela relação *pròs ti synteínein*:

tò gàr érgon télos, hè dè enérgeia tò érgon, diò kai toúnoma enérgeia légetai katà tò érgon kai synteínei pròs tèn entelékheian.

Com efeito, a obra (*érgon*) é um fim (*télos*), e o ato (*enérgeia*) é a obra (*érgon*), daí que o nome “ato” (*enérgeia*) se diz relativamente à obra (*érgon*) e tende à **perfeição** (*entelékheia*).

Bellintani, Luís Felipe
Sobre a tradução de enérgeia e entelékhēia em Física III, 1-3

Aqui temos alguma base para confirmar a coerência dos campos semânticos imaginados a partir dos étimos: *télos* é algo a que se tende, obra é o processo de operação. A tradução, apenas nesse caso, de *entelékhēia* por “perfeição” é de uma naturalidade impressionante em português atual. Mas ela não funciona na maioria das ocorrências.

E, no entanto, a premissa do argumento é a identificação total entre obra e fim, nenhuma diferenciação: *tò érgon é télos*. É essa identidade ontológica o fundamento da sinonímia (no nosso sentido, não no aristotélico). O que parece, então, é que Aristóteles usa um termo para explicar o outro exatamente por sua máxima sinonímia.

O outro trecho da *Metafísica* referido por Reale provavelmente é IX (theta) 4, 1047a 30-32. Trecho também metadiscursivo e cuja sintaxe de novo obriga o tradutor a encontrar dois termos diferentes, uma vez que o termo *enérgeia* é na mesma frase referido ao termo *entelékhēia* (na relação *prós ti syntíthēsthai*):

elēlythe d' hē enérgeia toúnoma, hē pròs tēn entelékhēian syntitheméne, kai epì tà álla ek tōn kinéseōn málista; dokei gàr hē enérgeia málista hē kinesis ênai.

Ocorre que o nome ato (*enérgeia*), aplicado à efetividade (*entelékhēia*), passou também para outras coisas, por causa, sobretudo, dos movimentos, pois parece que o ato (*enérgeia*) é, sobretudo, o movimento.

Mas, deixemos essas passagens da *Metafísica* em que ao mesmo tempo encontramos traços de distinção e de identificação entre *enérgeia* e *entelékhēia* e mostremos que no “Tratado do Movimento” da *Física* a questão não é menos complicada

Depois de mostrar a necessidade de tematização da questão do movimento no âmbito de uma ciência da natureza³ – afinal, o movimento entra na própria definição de natureza (uma delas, a apresentada em primeiro lugar por Aristóteles e a assumida pela maior parte dos físicos): “natureza é princípio de movimento e mudança” – e apresentar previamente a agenda subsequente (o infinito, o vazio, o lugar e o tempo), Aristóteles inicia o tratamento da questão do movimento pelo enunciado da tradicional dupla chave ontológica, com a qual costuma iniciar a abordagem de um assunto novo: a doutrina das

³ 200b 12-15: “Visto que a natureza é princípio de movimento e mudança e que nossa investigação é acerca da natureza, não devemos negligenciar a questão de saber o que é o movimento, pois, ignorando este, ignorada fica também a natureza”.

Bellintani, Luís Felipe

Sobre a tradução de enérgeia e entelékheia em Física III, 1-3

categorias e a doutrina da potência e do ato. Algo é alguma das categorias e isso combinado com o fato de ser ou em potência ou em ato ou em ambos, em algum sentido. Mas às duas breves menções à *entelékheia*, segue um primeiro parágrafo que é na verdade uma afirmação da primazia da doutrina das categorias:

Examinemos primeiro, conforme dissemos, o movimento. Algo é – seja apenas em **ato 1** (*entelékheia*), seja em potência e em **ato 2** (*entelékheia*) – ou certo “isto”, ou quantidade, ou qualidade, e, do mesmo modo, quanto às outras categorias do ente. A relação, por sua vez, é dita segundo excesso ou falta, [200b 30] segundo capacidade de agir e sofrer, e, em geral, de mover ou ser movido, pois o movente é movente do móvel, e o móvel é móvel pelo movente. **Ademais, não há movimento à margem das coisas, pois o que produz mudança sempre a produz ou segundo essência, ou segundo qualidade, ou segundo lugar; [35] e não é possível apreender nada comum sobre o que não seja um “isto”, como dizemos, ou que não seja [201a] quantidade, nem qualidade, nem qualquer dos outros categoremas. Por conseguinte, nem movimento nem mudança de coisa alguma haverá à margem do que foi dito, não havendo coisa alguma à margem do que foi dito.** Cada uma dessas categorias subsiste de dois modos em tudo: o “isto”, por exemplo, como a sua forma e a sua [5] privação; o que é segundo a qualidade, como o branco e o preto; o que é segundo quantidade, como o completo e o incompleto. E, do mesmo modo, o que é segundo deslocamento, como o para cima e o para baixo ou como o leve e o pesado. Por conseguinte, tantas são as espécies de movimento e [9] mudança quantas as de ente.

Não há movimento *tout court*, movimento é sempre movimento de ente. Daí a primazia da teoria que regula como se diz que algo é. Em todo caso, na hora da definição propriamente de movimento, a doutrina das categorias entra como ressalva: “[9] Uma vez distintos, segundo [10] cada gênero...”. A definição mesma fica por conta do binômio potência e ato, sendo “ato”, por enquanto, sempre *entelékheia*:

[201a 9] Uma vez distintos, segundo [10] cada gênero o que é em **ato 3** (*entelékheia*) e o que é em potência, o **ato 4** (*entelékheia*) do que está em potência, enquanto tal, é movimento. Por exemplo, o ato do alterável, enquanto alterável, é alteração (*toû alloiotoû, hê(i) alloiotón, alloíosis*); do que pode aumentar e do seu contrário, o que pode diminuir (pois não há um nome comum para ambos), aumento e diminuição; do que se pode gerar e corromper, geração e [15] corrupção; do que se pode deslocar, deslocamento. Que isso é o movimento fica evidente a partir desse momento, pois o que pode ser construído, enquanto o dizemos tal, quando está em **ato 5** (*entelékheia*), está sendo construído, e isso é a construção. E do mesmo modo no caso da aprendizagem, cura, rotação, salto, maturação e envelhecimento.

Bellintani, Luís Felipe
Sobre a tradução de enérgeia e entelékheia em Física III, 1-3

O gênero próximo que serve de sujeito para a definição de movimento é aqui *entelékheia* tanto quanto *enérgeia* na última citação do theta da *Metafísica* feita acima. Aristóteles apresenta na sequência outra tese importante para sua física, no limite com a metafísica, e ainda só aparece *entelékheia*:

Visto que algumas coisas são as [201a 20] mesmas em potência e em **ato 6** (*entelékheia*), mas não simultaneamente nem segundo o mesmo, como o quente em **ato 7** (*entelékheia*) é frio em potência, então produzirão e padecerão muitas coisas reciprocamente, pois cada uma será simultaneamente ativa e passiva, de modo que o movente é naturalmente movível, pois tudo que é tal move [25] sendo ele mesmo movido. Parece, com efeito, para alguns, que todo movente é movido, mas, acerca disso, ficará evidente a partir de outras considerações que não é assim (pois há algo que é movente e imóvel).

Na sequência Aristóteles fala da importância do que parece apenas um apêndice, “enquanto tal (isto é, enquanto em potência/ enquanto potente/ enquanto movível), sem o que pode haver ato que não seja movimento, e *entelékheia* chega à 12ª ocorrência:

Por outro lado, o **ato 8** (*entelékheia*) do ente em potência é movimento, quando, estando em **ato 9** (*entelékheia*), atua não enquanto si mesmo, mas enquanto movível. Digo “enquanto” do seguinte modo: [201a 30] o bronze é uma estátua em potência, embora o **ato 10** (*entelékheia*) do bronze enquanto bronze não seja movimento, pois não é o mesmo o ser do bronze e o de certa potência [mover]. Se fosse o mesmo, em sentido absoluto e segundo o conceito (*lógos*), o **ato 11** (*entelékheia*) do bronze enquanto bronze seria movimento, mas não é, como foi dito. (Isso é evidente no tocante aos contrários, pois o poder estar saudável [35] é diferente do [201b] poder estar doente – se não, estar saudável e estar doente seriam o mesmo – embora o sujeito (*hypokeímenon*) do estar saudável e estar doente, quer se trate de humor ou sangue, seja um e o mesmo). E visto que não são o mesmo (o sujeito e o potente), como a cor não é o mesmo que o visível, é manifesto que o **ato 12** (*entelékheia*) do potente [5] enquanto potente é movimento.

Fica a equação na formulação mais enxuta. Movimento (*kínēsis*) = a *entelékheia* do potente enquanto potente (*hē toû dynatoû, hē(i) dynatón, entelékheia*). Se o movimento é uma *entelékheia*, a *entelékheia* não pode expressar o momento em que o *télos* foi atingido, mas o momento em que se está a caminho do *télos*. Curiosamente, para expressar exatamente essa ideia, Aristóteles usa pela primeira vez a palavra *enérgeia* no “Tratado do Movimento”. Para explicar quando é que a *entelékheia* é movimento, ele diz o seguinte:

[201b 5] Que, com efeito, o movimento é isso, e que o ser movido acontece quando o **ato 13** (*entelékheia*) é enquanto ele mesmo, e não

Bellintani, Luís Felipe
Sobre a tradução de enérgeia e entelékheia em Física III, 1-3

antes nem depois, é evidente. É possível, pois, que cada coisa **esteja em ato (energeîn)** ou não, como, por exemplo, o que pode ser construído, e o **ato 1 (enérgeia)** do que pode ser construído. E o **ato 2 (enérgeia)** do que pode ser construído, enquanto o que pode ser construído, é [10] construção [*hē toû oikodomētoû enérgeia, hê(i) oikodomētôn, oikodómēsís estin*] (com efeito, ou construção é o **ato 3 (enérgeia)** do que pode ser construído ou a casa, mas, quando é casa, não pode mais ser construída; e o que pode ser construído é o que está sendo construído e é necessário que o **ato 4 (enérgeia)** seja uma construção). A construção, porém, é certo movimento, e o mesmo raciocínio aplicar-se-á aos outros tipos de [15] movimento.

Ao marcar a diferença entre “construção” enquanto “a enérgeia do que pode ser construído enquanto tal” e “construção” enquanto “a casa (construída, finalizada)”, Aristóteles parece recorrer ao campo semântico da família de *energeîn/enérgeia* para falar de uma *entelékheia* inacabada, a caminho do *télos*. Aristóteles mesmo fala dessa incompletude logo a seguir, talvez no trecho mais patético do “Tratado do Movimento”, perpassado de *thaúma*, quando ao mesmo tempo explica que outros filósofos tenham posto na alteridade, na desigualdade e no não-ente o movimento, e que o correto seria colocar o movimento nessa coisa estranha chamada “ato”. A palavra grega nesse caso é *enérgeia*.

2. Que isso foi bem dito é evidente tanto a partir do que os outros dizem acerca do movimento, quanto por não ser fácil defini-lo de outro modo, pois ninguém poderia colocar o movimento e a mudança em outro gênero, o que é evidente para os que examinam como [201b 20] alguns o estabelecem, dizendo que o movimento é alteridade (*heterótes*), desigualdade (*anisótes*) e não-ente (*tò mē ón*): nada disso necessariamente se move, nem as coisas outras, nem as coisas desiguais, nem as coisas que não são, mas a mudança não é em direção a elas nem a partir delas mais do que a partir dos opostos. A causa de que ponham o movimento nisso (na alteridade, na desigualdade e no não-ente) é que o movimento [25] parece algo indeterminado, e os princípios da outra série são indeterminados porque privativos, pois nenhum deles é um “isto”, nem uma qualidade, nem alguma das outras categorias. **A causa de que o movimento pareça indeterminado é que não é possível pô-lo nem na potência dos entes nem no ato 5 (enérgeia), [30] pois nem a quantidade em potência se move necessariamente, nem a quantidade em ato 6 (enérgeia).** E o movimento parece ser certo ato, porém **incompleto (atelés)**; a causa é que é **incompleto o potente** do qual é **ato 7 (enérgeia)**. Por isso é difícil apreender o que ele é, pois é necessário pô-lo ou na privação ou na potência ou no simples **ato 8 (enérgeia)**, mas nenhum desses casos parece admissível. Resto, [202a] então, o modo segundo o qual se diz haver algum **ato 9 (enérgeia), ato 10 (enérgeia)** tal qual dissemos, difícil de ver, mas [3] admissível.

Bellintani, Luís Felipe
Sobre a tradução de enérgeia e entelékheia em Física III, 1-3

E, no entanto, se Aristóteles é obrigado a acrescentar o adjetivo “incompleto” (*atelés*) para evitar ambiguidade é porque o termo *enérgeia* ele mesmo também está evitado da ambiguidade que perpassa todo o nosso debate desde o início: o ato também pode ser completo, aliás, em princípio ele é completo, como sugere o próprio Aristóteles, até porque, em princípio, “nem a quantidade em potência se move necessariamente, nem a quantidade em ato (*enérgeia*)”. De todo modo, falar de uma *enérgeia atelés* parece natural, mas não é possível falar de *entelékheia atelés* sem escancarar o oximoro, o que torna problemática a tese de que os dois termos sejam permutáveis.

E, quando Aristóteles diz que “o movimento parece algo indeterminado” de alguma maneira ele assume essa afirmação como sua e por isso em última instância o ato em que consiste o movimento é “algo difícil de ver”. Assim o movimento revela-se mais um dos itens “indeterminados” examinados no livro III da *Física*, itens como o infinito, o lugar e o tempo, que “não são um “isto”, nem uma qualidade, nem alguma das outras categorias”, que não são coisas, mas precisam existir para que existam coisas, que são como “princípios da outra série”, que “são indeterminados porque privativos”. Impossível não pensar na tábua dos dez contrários dos pitagóricos apresentada em *Metafísica* alfa (I) 5, na qual já consta a distinção “em repouso” e “em movimento”. Não é difícil perceber qual é a coluna dos “princípios da outra série, indeterminados porque privativos”:

1. Limite (<i>péras</i>)	Ilimitado (<i>ápeiron</i>)
2. Ímpar (<i>perittón</i>)	Par (<i>ártion</i>)
3. Um (<i>hén</i>)	Múltiplo (<i>plêthos</i>)
4. Direita (<i>dexión</i>)	Esquerda (<i>aristerón</i>)
5. Masculino (<i>árren</i>)	Feminino (<i>thêly</i>)
6. Em repouso (<i>eremoûn</i>)	Em movimento (<i>kinoúmenon</i>)
7. Reto (<i>euthý</i>)	Curvo (<i>kampýlon</i>)
8. Luz (<i>phôs</i>)	Escuridão (<i>skótos</i>)
9. Bom (<i>agathón</i>)	Mau (<i>kakón</i>)
10. Quadrado (<i>tetrágonon</i>)	Oblongo (<i>heterómekes</i>)

Em última instância, a dificuldade de Aristóteles com as noções indeterminadas, como matéria, potência, movimento, infinito, ao mesmo tempo indispensáveis e

Bellintani, Luís Felipe
Sobre a tradução de enérgeia e entelécheia em Física III, 1-3

obscuras, advém de sua perspectiva de princípio, baseada na primazia da forma e do ato. Alguns trechos da *Física* anteriores ao “Tratado do Movimento” deixam isso bem claro, como a famosa passagem do livro I em que, após chegar ao esquema tripartite para o movimento (forma, privação e substrato) Aristóteles exagera a negatividade da privação e do substrato (“a matéria é não-ente por concomitância, (...) a privação é em si mesma não-ente”. Trad. Angioni) e, ultrapassando o dualismo do hilemorfismo, quase culmina num monismo da forma (192a13-25):

(...) a natureza que subsiste é causa auxiliar, junto à forma, daquilo que vem a ser (como mãe) e, por outro lado, com respeito à outra parte da contrariedade, muitas vezes é plausível que, para quem concentra seu pensamento no fator maleficiente, nem sequer se afigure que ela exista. De fato, havendo algo de bom, divino e desejável, afirmamos que um dos princípios lhe é contrário e que o outro é aquilo que, em sua própria natureza o deseja e a ele aspira. No entanto, sucede-lhes afirmar que o contrário deseja sua própria corrupção. Mas não é possível nem que a forma deseje a si mesma – por não ser carente –, nem que o contrário a deseje (pois os contrários corrompem uns aos outros), mas o que deseja a forma é a matéria, como a fêmea a desejar o macho ou o feio a desejar o belo (não o feio em si mesmo, mas como concomitante, nem a fêmea em si mesma, mas como concomitante). (Trad. Angioni)

Também o livro II apresenta diversos enunciados no mesmo sentido. É verdade que seu tema principal, a definição da própria palavra “natureza”, desdobra-se em sua polissemia a ponto de cada um dos quatro sentidos conhecidos de causa (motor, matéria, forma e fim) ser a seu modo natureza. Mas, quando fala daqueles que reduzem a natureza a seu princípio material, Aristóteles claramente fala de outros (*dokeî eníois*). Quando fala da primazia da causa eficiente na física pré-socrática, fala de outros:

De fato, a respeito do vir a ser, é sobretudo neste último modo que procuram as causas: “o que vem a ser depois do quê? ”, ou “o que inicialmente agiu? ”, ou “o que inicialmente sofreu? ”, e deste modo, continuamente, o item seguinte.

O enunciado da natureza como forma logo no primeiro capítulo tem outra dicção. Num *dikhôs légesthai*, aparece o enunciado mui aristotélico do hilemorfismo (193a28-31), mas seguido de uma clivagem: “a natureza dos que possuem em si mesmos princípio de movimento é a configuração e a forma” (193b5, trad. Angioni); “E esta – a forma – é natureza mais do que a matéria, pois cada coisa encontra sua denominação quando é efetivamente, mais do que quando é em potência” (193b6-8,

Bellintani, Luís Felipe
Sobre a tradução de enérgeia e entelékheia em Física III, 1-3

trad. Angioni). A matéria, que é princípio, causa e natureza também para Aristóteles, é, no entanto, relativa à forma (qual forma, tal matéria), na natureza como na arte.

Todavia, ainda que no capítulo 7 do livro II encontremos de novo o enunciado taxativo: “o porquê último se reporta ao “o que é” (198a15), o mais importante a destacar no todo do livro é a associação de forma e fim. Todo o capítulo 8 é uma grande justificativa da teleologia e todo debate sobre o espontâneo e o acaso nos capítulos 4 a 6 é a problematização filosófica das relações da causa eficiente e da causa final. Ainda que haja séries causais de agentes desgarrados de seus *téle*, a natureza não pode não ser teleológica para ser fator de ordem e regularidade.

Na verdade, temos uma tríplice assimilação, a assimilação de forma, fim e princípio de movimento, que redundando de novo no hilemorfismo:

Mas muitas vezes, estas três convergem para uma só coisa: o “que é” e aquilo em vista de quê são uma só, e lhes é especificamente idêntico aquilo de que procede primeiramente o movimento. (198a24-26, trad. Angioni)

É no fato de que aquilo que ostenta o semblante de forma de ente natural, pelo que podemos indicar a espécie de coisa que é e predicar-lhe as propriedades, está efetivamente acontecendo, e acontecendo como processo natural não casual e sim determinado teleologicamente, que temos a base da associação entre *enérgeia* e *entelékheia*, e a utilização de ambos os termos para definir o movimento.

Voltando ao “Tratado do Movimento”, no final do capítulo 2, após essa avalanche de ocorrências de *enérgeia*, Aristóteles volta a falar de *entelékheia*, aparentemente para introduzir novo raciocínio de acordo com o princípio de que todo movente é também movido. São duas ocorrências, uma fala da *entelékheia* do móvel, a outra, da *entelékheia* do capaz de mover, antecipando a temática do início do capítulo 3:

[202a 3] Todo movente é também movido, como foi dito, tudo o que é móvel em potência e cuja imobilidade é repouso (já que aquilo em que subsiste [5] o movimento, disso a imobilidade é repouso), pois o atuar sobre isso enquanto tal, é movê-lo; mas o movente produz isso por toque, de modo que ao mesmo tempo padece. Assim, o movimento é **ato 14** (*entelékheia*) do móvel enquanto móvel, e isso acontece por toque do capaz de mover, de modo que ao mesmo tempo padece. E o movente sempre trará alguma especificidade, — ou um “isto”, [10] ou um “tal”, ou um “tanto” —, a qual será princípio e causa do movimento, enquanto o movente mover, como o homem em **ato 15** (*entelékheia*) produz o homem a partir do homem que é em potência.

Bellintani, Luís Felipe
*Sobre a tradução de *enérgeia* e *entelékheia* em Física III, 1-3*

O capítulo 3 começa aparentemente com uma tentativa de controlar o léxico: *entelékheia* para o ato do móvel e *enérgeia* para o ato do capaz de mover, mas logo irrompe o princípio da aporia que ocupará o capítulo quase até o final: não haveria apenas um único ato do movimento, pelo qual o capaz de mover precisamente move o móvel, que precisamente é movido pelo capaz de mover? Logo irrompe a reclamação de haver uma *entelékheia* para ambos. E a partir de então são nove ocorrências de *enérgeia* para tratar da aporia de ser um ato para dois, agente e paciente, e também da aporia encontrada por Aristóteles de o *lógos* não ser o mesmo, como por exemplo, o *lógos* do aclave não é o mesmo que o *lógos* do declive, embora o acidente geográfico seja um só, como não é a mesma coisa ir de Tebas a Atenas ou de Atenas a Tebas, embora o intervalo de espaço entre ambas as cidades seja um é o mesmo. Ou como ensinar é diferente de aprender, embora a aula seja uma coisa só.

3. E a aporia é manifesta, porque o movimento está no móvel — pois o movimento é o **ato 16** (*entelékheia*) do móvel por intermédio do capaz de mover — [20a 15] e o **ato 11** (*enérgeia*) do capaz de mover não é outro, pois deve haver um **ato 17** (*entelékheia*) para ambos. Pois algo é capaz de mover devido ao fato de poder mover, e é movente devido ao fato de atualizar, mas trata-se de ser capaz de atualizar precisamente o móvel; por conseguinte há um único **ato 12** (*enérgeia*) igualmente para ambos, como é o mesmo o [20] intervalo de um para dois e de dois para um, e o aclave e o declive. Pois essas coisas são um, embora o conceito (*lógos*) não seja um. [21] Do mesmo modo quanto ao movente e o movido.

[21] Há, portanto, uma aporia conceitual, pois é necessário talvez haver certo **ato 13** (*enérgeia*) do capaz de produzir e do capaz de padecer, sendo um produção, o outro, padecimento; obra e fim de um, produto, do outro, paixão. [25] Visto que, com efeito, ambos são movimentos, se são diferentes, em que estarão? Pois ou ambos estarão no paciente e movido, ou a produção estará no producente, e o padecimento no paciente (e, no caso de ser preciso chamá-lo de produção, tratar-se-ia de um homônimo). Mas, se é isso, o movimento estará no movente (pois o mesmo raciocínio se aplica ao movente [30] e ao movido), de modo que ou todo movente será movido, ou, tendo movimento, não será movido. Se ambos, a produção e o padecimento, estiverem no movido e paciente, com o que o ensino e a aprendizagem, sendo dois, estariam ambos no aprendiz, primeiro, o **ato 14** (*enérgeia*) de cada qual não subsistiria em cada qual, depois, seria absurdo que dois movimentos fossem movidos [35] ao mesmo tempo. Pois quais seriam as duas alterações de uma única coisa e em direção a uma única forma (*eídōs*)? Mas é impossível. Haverá, porém, um único **ato 16** (*enérgeia*). Por outro lado, não é [202b] razoável haver um único e mesmo **ato 17** (*enérgeia*) para duas coisas diferentes quanto à forma (*eídōs*). Se o ensino e a aprendizagem forem o mesmo, assim como a produção e o padecimento, também o ensinar será o mesmo que o aprender, e o produzir, o mesmo que padecer, de modo

Bellintani, Luís Felipe
Sobre a tradução de enérgeia e entelékheia em Física III, 1-3

que o docente [5] necessariamente aprenderia tudo, enquanto ensinasse, e o produtor padeceria tudo enquanto produzisse.

[5] Todavia, não é absurdo que o **ato 18 (enérgeia)** de um esteja no outro (pois o ensino é **ato 19 (enérgeia)** do capaz de ensinar; certamente em alguém, e não destacado, mas como algo que é de um em outro), e nada impede que um único [ato] seja o mesmo para os dois (não por serem o mesmo, mas como o [10] que é em potência em relação ao agente), nem é necessário que o que ensina aprenda, nem, se o produzir e o padecer são o mesmo, o são de modo que o conceito (*lógos*), o que diz a quiddidade (*tò tí ên eînai*), seja um, como “roupa” e “veste”, mas como o caminho de Tebas para Atenas e o de Atenas para Tebas, como se disse anteriormente. Pois todas as coisas rigorosamente [15] idênticas não correspondem às que são idênticas de uma maneira qualquer, mas àquelas cujo ser é idêntico. E ainda que o ensino seja o mesmo que o aprendizado, nem por isso o aprender é o mesmo que o ensinar, assim como o distar de cá para lá e de lá para cá não é um e o mesmo, embora a distância entre os equidistantes seja uma só. Para dizer de um modo geral, nem o ensino é o mesmo em sentido próprio que a [20] aprendizagem, nem a produção, que o padecimento, mas aquilo em que estes subsistem, isto é, o movimento; pois o ser **ato 20 (enérgeia)** disso naquilo e o ser **ato 21 (enérgeia)** disso por aquilo são diferentes pelo conceito (*lógos*).

As últimas linhas do “Tratado do Movimento” são uma espécie de conclusão do todo, com a repetição da definição de movimento, mas agora aplicada às espécies de movimento⁴. E a palavra “ato” volta a ser *entelékheia* nas duas ocorrências. A alteração, por exemplo, que é o movimento segundo a categoria da qualidade, seria definida como a *entelékheia* do alterável enquanto alterável. E sob o amplo escopo do “ato do capaz de produzir e do capaz de padecer” – movimento como ação e paixão – há várias especificações conforme o caso:

Com efeito, o movimento foi dito em geral e em particular; pois não é difícil de ver como cada uma de suas espécies (*eíde*) será definida. [202b 25] A alteração, por exemplo, é **ato 18 (entelékheia)** do alterável enquanto alterável, ou ainda, em termos mais conhecidos, o **ato 19 (entelékheia)** do capaz de produzir e do capaz de padecer enquanto tais em potência, de modo geral e, inversamente, segundo cada particularidade, como construção ou cura. Do mesmo modo, dir-se-á acerca de cada um dos outros movimentos.

De nossa parte, na condição de tradutores da *Física* de Aristóteles para o português hodierno, optamos por marcar sempre “ato” diante quer de *enérgeia* quer de

⁴ (alteração, movimento segundo a qualidade; aumento e diminuição, movimento segundo a quantidade; deslocamento, movimento segundo o lugar, como de resto a geração e a corrupção são a mudança segundo a substância).

Bellintani, Luís Felipe
Sobre a tradução de enérgeia e entelékheia em Física III, 1-3

entelékheia, seguido do termo grego respectivo entre parênteses, como na apresentação ao longo deste texto. Caso haja na rede sintática próxima a ocorrência de cognatos, também registramos entre parênteses esses termos, para destacar o jogo que nem sempre fica visível na tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTOTELIS *Physica*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. D. Ross. Oxford: Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1992.
- ARISTOTELIS *Metaphysica*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit: W. Jaeger. Oxford: Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1985.
- ARISTOTLE – *Metaphysics*. Ed. e trad. Hugh Tredennick. Harvard University Press, 1933 (Loeb Classical Library).
- ARISTÓTELES – *Metafísica*. Ed. Trilingüe por V.G. Yebra. Madrid: Gredos, 1970.
- ARISTÓTELES – *Física, I-II*. Trad. Lucas Angioni. Campinas. Editora da Unicamp, 2009.
- ARISTOTE – *La Physique*. Trad. A. Stevens. Paris: Vrin, 1999.
- ARISTÓTELES – *Física*. Trad. Guillermo R. De Echandía. Madrid: Editorial Gredos, 1995-2002.
- PELLEGRIN, Pierre – *Le vocabulaire d'Aristote*. Paris: Ellipses, 2009.
- REALE, Giovanni – *Metafísica III Sumário e comentários*. São Paulo: Loyola, 2002.

[Recebido em novembro de 2018; aceito em dezembro de 2018.]